

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SOLVEIG NORDLUND - UM PERCURSO SINGULAR
23 de Junho de 2022

VIAGEM PARA A FELICIDADE / 1978

Um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / **Argumento:** Solveig Nordlund, baseado na peça homónima de Franz Xaver Kroetz, **Colaboração:** Jorge Silva Melo e Luis Miguel Cintra / **Fotografia:** José Luís Carvalhosa / **Som:** Paola Porru / **Música:** Paulo Brandão / **Montagem:** Solveig Nordlund / **Interpretação:** Lia Gama (A Mulher) / Francisco Caldas (O Bebé)

Produção: Grupo Zero e Teatro da Cornucópia para a RTP / **Distribuição:** RTP / **Cópia:** da RTP, digital, cor, 37 minutos. Primeira exibição na Cinemateca

NOVAS PERSPECTIVAS / 1983

Um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / **Argumento:** Solveig Nordlund, baseado na peça homónima de Franz Xaver Kroetz, segundo a encenação teatral de Luís Miguel Cintra / **Fotografia:** José Luís Carvalhosa **Direcção Artística e Cenografia:** Cristina Reis / **Som:** Paola Porru / **Música:** Paulo Brandão / **Montagem:** Solveig Nordlund / **Interpretação:** Dalila Rocha (A Mulher)

Produção: Teatro da Cornucópia para a RTP / **Distribuição:** RTP / **Cópia:** da RTP, digital, cor, 45 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

Viagem para a Felicidade e Novas Perspectivas é apresentado com **Música para Si** ("folha" distribuída em separado).

Estes três filmes - produzidos para a RTP pelo Grupo Zero e pelo Teatro da Cornucópia, e que Solveig Nordlund realizou – têm aspectos óbvios em comum:

Desde logo são todas adaptações de peças de Franz Xaver Kroetz (n. 1946).

Têm uma única personagem feminina.

O "tema central" é – digamos – a solidão.

E é a própria representação o cerne desta trilogia, já que em cada um dos filmes (embora em registos muito diferente). O que nos é dado ver são três enormes actrizes em toda a sua magnitude.

Mas há também diferenças:

A idade das personagens varia de peça para peça (em **Viagem para a Liberdade** a personagem interpretada por Lia Gama terá 20 e poucos anos, em **Música Para Si**, Isabel de Castro é uma mulher de quarenta e muitos anos, e em **Novas Perspectivas**, Dalila Rocha, andarás pelos setenta anos), o que não é de todo irrelevante para o "drama" de cada uma delas.

Além disso, a abordagem que realizadora faz – através da mise-en-scène- a cada uma das peças é substancialmente diferente.

Em relação a **Música Para Si** o texto de João Bénard da Costa diz tudo.

No caso de **Viagem Para Felicidade** (e lembro que a peça não passou pelo palco e foi directamente para a tela) o décor é “real” (um comboio). A personagem tem como “bengala” um bebé, o seu bebé, com quem viaja e com que vai desabafando. Isso permite a alternância do registo do texto, entre o que é dito em *in* (directamente para o filho) e o que é dito em *off* (a voz “interior”), algo que seria impossível reproduzir em palco. E isso (como os planos em que a paisagem se vai desenrolando) faz toda a diferença.

Novas Perspectivas (realizado cinco anos depois) é o único dos três filmes em que o palco é assumido. Mas se estamos num *décor* de teatro, o ponto de vista da câmara não é o do espectador de teatro. A câmara move-se (quase) tanto como a actriz e a linguagem é a do cinema e a própria montagem tem um papel fundamental no ritmo do texto.

De resto, o que é dito sobre o trabalho de Solveig Nordlund no texto que se segue sobre **Música Para Si** é também válido para **Viagem Para a Felicidade** e **Novas Perspectivas**.

João Pedro Bénard